

DOI: <https://doi.org/10.4322/aletheia.013>

Meu/minha filho(a) para além do suicida: busca por sentido na vida

Paula Guimarães Guerreiro

Andrea Seixas Magalhães

Mayla Cosmo Monteiro

Resumo: Este estudo faz parte de uma investigação mais ampla sobre a experiência de pais que perderam filhos adultos por suicídio. Objetivou-se compreender a busca por sentido na vida após a morte do(a) filho(a). Realizou-se uma pesquisa qualitativa na qual foram entrevistados sete participantes (mães e pais). Os resultados foram analisados de acordo com o método de análise de conteúdo, vertente temático-categorial. Discutiram-se as categorias: (1) meu/minha filho(a) para além do suicida e (2) busca por sentido e transformações a partir da morte do(a) filho(a). Percebeu-se o desejo por falar livremente do(a) filho(a), continuar ou criar projetos relacionados à história de vida e/ou da morte, reconhecer e assumir as transformações decorrentes dessa perda e construir novos sentidos de vida sem a presença desse(a) filho(a). Conclui-se que a manutenção do vínculo com o(a) filho(a) foi fundamental no processo de luto.

Palavras-chave: Luto; pais; suicídio.

My son/daughter beyond the suicidal: search for meaning of life

Abstract: This study is part of a larger investigation about the experience of parents who have lost an adult son or daughter to suicide. It aims to understand the search for meaning in life after the death of their son/daughter. A qualitative research was carried out in which seven participants were interviewed (mothers and fathers). The results were analyzed according to the content analysis method thematic-category. We discussed the categories: my son/daughter beyond the suicidal and search for meaning and transformations after the death. The desire to speak freely about their son or daughter was evidenced; to desire to continue or create projects related to the history of life and/or death, the aim to recognize and assume the transformations resulting from this loss and build new meanings of life without the presence of this child. We concluded that maintaining the bond with the child was fundamental in the grieving process.

Key-words: Grief; parents; suicide.

Introdução

O suicídio é uma tragédia que afeta famílias, comunidades e países inteiros, tendo efeitos duradouros nos sobreviventes. Atualmente, segundo a OMS (WHO, 2020), a taxa de suicídio é de 10,6 por 100.000 habitantes, resultando numa média de 804 mil pessoas que

morrem por suicídio anualmente. A cada morte por suicídio há uma média de seis pessoas próximas que são afetadas em seus diferentes âmbitos: afetivo, emocional, social e econômico, ou seja, quase cinco milhões de pessoas são afetadas todos os anos. Somado a isso, o suicídio ocorre em diferentes fases do ciclo de vida e é a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo. Nesse sentido, o luto por suicídio está presente na sociedade de forma disseminada. Portanto, é necessário pensar e elaborar cuidados para as pessoas afetadas pelo suicídio.

A partir desses dados, questiona-se como é para um pai ou mãe perder um filho dessa maneira, uma vez que a morte de um filho é considerada a maior tragédia que pode acontecer na vida das pessoas (Luz, Sanchez, Barral & Sousa, 2017; Stroebe & Schut, 2001; Parkes, 2009; Franqueira, Magalhães & Féres-Carneiro, 2015; Duncan & Byard, 2018). Ademais, a morte por suicídio carrega um tabu, uma vez que, nos dias de hoje, acredita-se que a morte deva ser evitada a qualquer custo. Esse tabu diz respeito à ideia da morte como antinatural e algo a ser evitado. Morrer tornou-se um sinal de fracasso da humanidade, ainda mais significativo e intensificado quando se trata da morte de um filho, que deveria ser “protegido” pelos pais (Silva, 2009). Portanto, a perda de um filho por suicídio abarca dois pontos relevantes: o estigma do suicídio e da morte de um filho.

A morte de um filho tem efeito devastador na família, sendo um acontecimento que representa fonte de grande estresse, ansiedade e tristeza para os pais (Koukourikos, Kourkouta, Iliadis & Tsaloglidou, 2019). Quando a morte decorre de um suicídio, a reação dos pais pode ser ainda mais difícil, devido ao estigma associado à autodestruição. A morte de um filho por suicídio é um trauma grave, colocando os pais em maior risco de morbidade psicológica e problemas de saúde física em comparação a outras causas de morte (Ross, Kølves, Kunde & De Leo, 2018).

Muitas vezes, nessas circunstâncias, os familiares relatam afastamento do ciclo social e que já ouviram comentários negativos ou prejudiciais após a morte dos filhos, inclusive de pessoas próximas, como ex-maridos ou ex-esposas, pais, sogros e irmãos (Feigelman & Cerel, 2020). Então, como afirmam Fukumitsu e Kovács (2016), além do luto, o enlutado deve lidar com o estigma que abarca culpa, pena e julgamento.

Estudos apontam uma correlação entre determinadas características (como gênero, idade, problemas familiares e sociais, presença de transtornos psicológicos, por exemplo) e o ato suicida (Birtchnell, 1981; Kirsling, 1986; Canetto, 1992; Harmer, Lee, Duong & Saadabadi, 2021). Na busca por explicações, muitas vezes, as pessoas que se suicidaram são enquadradas ou caracterizadas como “depressivas”, “problemáticas”, “fracas”. De certo modo, a postura da

sociedade em relação aos pais que perderam um filho também remete a estigmas (Lerner & Faria, 2019).

Como consequência desses estigmas, o processo de elaboração do luto pode ser um desafio ainda maior. Há aumento do isolamento e diminuição do suporte social; os enlutados experimentam sentimentos de inadequação, culpa, vergonha; e pode ocorrer inibição, cronificação ou distorção do processo de luto (Casellato, 2020). Feijoo (2021), ao analisar falas sobre o tema do luto por suicídio, evidenciou a expressão de dor dos pais frente ao suicídio dos filhos. Eles deixam muito claro, em seus relatos, que desejam fazer o mesmo que o filho e referem-se ao fato de que a vida perdeu o sentido. Sentem-se culpados, ressentidos, solitários e fracassados. Muitas são as questões agregadas ao processo de luto de um sobrevivente por suicídio, tais como o estigma social, a culpa e a vergonha, a dificuldade em simbolizar sua perda devido ao não reconhecimento e validação social do luto, além de outras dificuldades de cunho emocional, econômico ou jurídico. Todas essas questões apontam para a escassez de suporte social ao enlutado por suicídio e pode acarretar intenso sofrimento e complicações na elaboração do luto (Scavacini, Cornejo & Cescon, 2019).

De acordo com Riches e Dawson (1996), pais enlutados tendem a ser evitados, e há a impressão de que, de alguma maneira, a pessoa enlutada se torna contaminada pela morte. Pais que perderam um filho ganham um *status* estigmatizado – tornando-se objeto de piedade, constrangimento, evitação e, possivelmente, censura. Há isolamento desses pais do seu contexto social e ainda dificuldade de encontrar espaço para que se possa falar sobre essa morte, uma vez que, muitas vezes, as pessoas se sentem incomodadas por tais relatos.

No processo de luto parental, uma mãe ou um pai que acaba de perder um filho é lançado em um mundo novo (Brice, 1991). Nessa nova realidade que se instaura, sentem-se como um alienígena diante daqueles que nunca passaram por perda semelhante. É comum que se sintam isolados e tenham o sentimento de que ninguém entende o que estão passando. Também, não raro, sentem inveja de outros pais que ainda possuem seus filhos vivos. Os conselhos daqueles que não sabem vivencialmente o que é perder um filho muitas vezes são mal recebidos por eles (Brice, 1991; Freitas, 2015).

Nota-se uma espécie de ressentimento diante da imposição social de que esqueçam os filhos que partiram, da necessidade da permissão para expressar sentimentos ou falar sobre mudanças que se processam e fazer menção à pessoa que morreu. Falar sobre como se sentem não é algo que os fixa à perda; ao contrário, é considerado reconfortante, favorece a compreensão e mostra uma postura cuidadosa e organizadora (Tavares, 2018).

Ao discutir o processo de luto, Parkes (1998) ressalta que há uma transição psicossocial, na qual a pessoa irá, de certo modo, assumir uma nova identidade, à medida que se apropria de um novo modelo de mundo sem o ente querido, de novos papéis, de uma nova maneira de lidar com os problemas da vida. Assim, o enlutado não só perde um ente querido, como perde uma parte de si mesmo, precisando se desenvolver e se adaptar a essa nova realidade e ao indivíduo que se tornou. A perda de um filho é uma experiência singular e implica um luto particular, posto que são inúmeras as adaptações que os pais precisam enfrentar, tanto em nível individual, quanto na relação conjugal, e ainda na esfera social.

Segundo Caselatto (2002), essa perda afeta as dimensões de passado, de presente e de futuro dos pais, bem como a dimensão individual, a relação com o(a) parceiro(a), o sistema familiar e o contexto social. A partir da morte do filho, a identidade dos pais é modificada, tendo-se que reaprender a ser pai ou mãe após a morte do filho. Esses pais irão retomar suas atividades, seus planos, sua relação familiar e conjugal, contudo, agora sem a presença real do filho, o que leva a uma transformação da identidade dos pais (Coelho Filho & Lima, 2017).

A partir da perspectiva construtivista de Robert Neimeyer (2001), segundo a qual a reconstrução de significado da perda é o processo central enfrentado pelos enlutados, o processo de luto envolve a reaprendizagem do mundo, em termos dos modos de ação de ser-no-mundo sem a pessoa falecida (Attig, 2001; Neimeyer, 2001). Neimeyer (2001) destaca dois processos: dar significado (*meaning making*) e encontrar significado (*meaning finding*). O primeiro processo diz respeito a indicar quais significados são atribuídos às ações, às experiências e ao sofrimento; além disso, possibilita renovar esperanças, reinterpretar aspectos da autonarrativa e da autoconcepção. Já o processo de encontrar significados implica lidar com significados previamente vivenciados, no contexto de vida antes da ocorrência da perda (Luna & Moré, 2019). Essa reconstrução de significado é conduzida, essencialmente, pelo uso de narrativas ou de histórias de vida. Perguntas como “Por que eu? O que vou fazer agora? Quem eu sou agora?” passam pela cabeça dos enlutados e a tentativa de encontrar respostas é o primeiro passo nessa construção de sentido (Franco, 2021). Dar sentido à uma situação de sofrimento é um desafio que acompanha os entes diante de perdas.

Dessa maneira, entende-se que a capacidade de uma pessoa de se “recuperar” do luto não advém da sua habilidade de esquecer a pessoa perdida, mas de construir e remodelar seu mundo presumido, de modo que inclua e redesenhe o tesouro do passado (Parkes, 2009). Entende-se o mundo presumido como a visão do mundo interno tido como verdadeiro anterior à perda. De toda forma, é necessária uma transformação na relação, levando em consideração a realidade na qual o falecido não está presente. Essa continuação pode acontecer, por exemplo,

por meio da manutenção de valores e objetivos construídos com o falecido (Bowlby, 1973/2006). Ou seja, o enlutado, ao manter um vínculo com o falecido – desde que consciente de que a morte tenha se dado –, passa por uma transição psicossocial que lhe permite gradualmente introduzir em sua vida as mudanças decorrentes da perda. Portanto, o trabalho de luto não se trata de um mecanismo de desapego, mas de integração da morte no curso da vida (Field, 2008).

Assim, contar a sua história e do(a) filho(a) pode ser um recurso importante no processo de luto, inclusive na busca de um sentido para a perda. A narrativa escolhida pelo enlutado para contar a sua história de perda e os significados atribuídos a ela são de vital importância para o desenvolvimento de um luto saudável. A criação de sentido refere-se aos processos de pensamento empenhados em compreender a perda, incorporando-a a uma visão de mundo pessoal, por exemplo, compreendendo a causa da morte (Bogensperger & Lueger-Schuster, 2014). Além disso, pessoas enlutadas podem construir o significado de que cresceram ou se fortaleceram com a perda, o que pode ser um indicativo de elaboração e resiliência (Frankl, 2009; Davis, 2001; Neimeyer, Baldwin & Gilles., 2006; Franqueira, Magalhães & Féres-Carneiro, 2015). Encontrar significado e propósito para viver a situação pode ajudar os familiares a lidarem com a morte de seus filhos (Lari, Shimo, Carmona, Moraes Lopes & Campos, 2018; Ross, Kõlves, Kunde & De Leo, 2018; Neimeyer, Baldwin & Gilles, 2006). Neste sentido, o processo de luto ocorre em duas direções simultaneamente: manutenção de significados previamente consolidados e articulação de novos significados e possibilidades identitárias.

De acordo com Stroebe e Schut (2001), há evidências de que é saudável manter os vínculos na continuidade da vida dos sobreviventes, ou seja, a incorporação do morto na vida após a perda favorece o processo de luto. Aconteceria uma transformação da relação com o falecido, de forma que o enlutado se adapte à realidade atual, mantendo uma conexão com o ente querido, mas, gradualmente, reposicionando essa relação de modo que faça sentido com o momento atual (Klass, Silvermann & Nickmann, 1996). Portanto, há um processo de continuidade e de transformação do vínculo do sobrevivente com a pessoa que morreu. Essa incorporação pode acontecer de diversas formas, como mudanças nas relações com outros familiares e amigos, realização de rituais, participação em grupos, criação de projetos relacionados à perda, contar a história desse filho, dentre outros. Assim, a partir de uma investigação mais ampla sobre a experiência de luto de pais que perderam filhos por suicídio, este trabalho tem por objetivo compreender a busca por sentido na vida após a morte do(a) filho(a).

Método

Foi realizada uma investigação de natureza qualitativa por meio de uma pesquisa de campo.

Participantes

Participaram da pesquisa sete sujeitos independentes (Tabela 1), sendo quatro mães e três pais que perderam um filho adulto por suicídio no período de dois há até 12 anos. As idades dos participantes variaram entre 60 e 66 anos, e as dos seus filhos falecidos entre 18 e 37 anos. Dois participantes são pais de filhos únicos e cinco tiveram mais de um filho. No que diz respeito à escolaridade, seis dos sete participantes possuíam ensino superior e uma participante ensino médio completo. Os entrevistados eram de diferentes estados do Brasil.

Para participar da pesquisa, alguns critérios de inclusão foram elencados: tempo de morte; a morte ser antes da pandemia de Covid-19 e a idade do filho. Quanto ao tempo mínimo de dois anos passados da morte do(a) filho(a), este período foi escolhido porque o primeiro ano após a morte de um filho é um período mais agudo no processo do luto, em que acontecem as primeiras vivências de datas comemorativas sem a presença da pessoa falecida, como aniversários, rituais familiares, datas religiosas e a data do falecimento. A morte ter acontecido antes da pandemia de Covid-19, no ano de 2020, foi um critério que levou em consideração especificidades relacionadas a perdas vivenciadas nesse período. Por fim, a idade do(a) filho(a), que deveria ser maior de idade, ou seja, ter pelo menos 18 anos na data do falecimento.

Tabela 1

Dados de Identificação dos Participantes

<i>Participante</i>	<i>Idade</i>	<i>Filho(a) falecido(a)</i>	<i>Idade que filho(a) faleceu</i>	<i>Outros(as) filhos(as)</i>	<i>Tempo de luto</i>
Helena	66 anos	Davi	37 anos	1	10 anos
Fernanda	61 anos	João	29 anos	1	12 anos
Marília	63 anos	Pamela	28 anos	0	03 anos
Raquel	66 anos	Catharina	23 anos	1	09 anos
Luiz	63 anos	Sofia	18 anos	2	08 anos
Marcelo	60 anos	Vanessa	26 anos	0	03 anos
Daniel	63 anos	Breno	24 anos	1	02 anos

Fonte: elaborado pela autora.

Instrumentos de pesquisa

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, a partir de um roteiro com uma pergunta disparadora sobre a experiência deles com a perda e temas relacionados aos objetivos da investigação – como características do processo de luto, rituais e recursos de suporte – e conduzidas de forma a abrir espaço para que novos tópicos emergissem espontaneamente no discurso dos participantes.

Procedimentos

Os participantes foram selecionados através de contato com associações que oferecem apoio a familiares enlutados por suicídio ou por meio de encaminhamentos de outros profissionais da área da saúde. As entrevistas foram individuais e realizadas on-line, via plataforma Zoom, de acordo com a conveniência dos participantes, e tiveram duração média de 90 minutos. As entrevistas foram gravadas, mediante autorização prévia dos participantes e, posteriormente, transcritas integralmente pela pesquisadora, visando à preservação de todo o discurso dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas de junho a agosto de 2021. O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo foi aprovado pela Câmara de Ética da universidade em que foi desenvolvido (22/2021). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido autorizando a divulgação de resultados. Foram atribuídos nomes fictícios aos participantes para preservar suas identidades.

O material coletado nas entrevistas foi transcrito e analisado por meio do método de análise do conteúdo na sua vertente categorial temática (Bardin, 2016). Tal método se refere a uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva e sistemática, busca a interpretação das entrevistas, delimitando as unidades de codificação. Na pesquisa mais ampla sobre a experiência de pais que perderam filhos por suicídio emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo do presente estudo, analisamos as categorias (1) *Meu/minha filho(a) para além do(a) suicida* e (2) *Busca por sentido e transformações a partir da morte do(a) filho(a)*.

Discussão dos resultados

Meu/minha filho(a) para além do(a) suicida

O tabu do suicídio é algo que acompanha não só a pessoa que realizou o ato, mas também a família. A partir de uma morte por suicídio, muitas vezes, a pessoa que comete esse ato fica com a imagem cristalizada de suicida. Os pais apresentaram o(a) filho(a) ressaltando

suas qualidades e singularidades. Todos os participantes falaram dos filhos evidenciando os pontos que consideraram diferenciais e positivos neles, enfatizando que eles os ajudaram a serem pessoas melhores e contribuíram para um mundo melhor.

Sofia era a pessoa mais inteligente que eu conhecia, ela lia numa velocidade sem igual, uma quantidade de livros que eu não sabia como ela conseguia. A escola até nos chamou quando ela era mais nova para falar que os professores percebiam essa inteligência. Mas ela não deixava isso subir à cabeça. (Luiz)

De acordo com Koukourikos, Kourkouta, Iliadis e Tsaloglidou (2019), os familiares de uma pessoa que se suicidou vivenciam não só um luto complexo, mas ainda lidam com o estigma moral que acompanha esse tipo de morte. No caso de um suicídio, o estigma não é só atribuído à pessoa que cometeu o ato, mas também aos familiares. Pais, inclusive, relatam perceber desconforto no outro ao falar sobre o filho (Wainwright et al., 2020). O que se percebe a partir dos relatos dos participantes é um desejo de diminuir o estereótipo negativo que comumente é colocado no(a) filho(a). Além disso, a vontade de falar e reconhecer o(a) filho(a) para além da morte, de ressaltar suas qualidades e conquistas. Nesse sentido, o(a) filho(a) foi alguém que realizou o suicídio, mas também foi alguém que ajudou outros, que se superou em diversos sentidos, que teve conquistas acadêmicas e profissionais, que construiu relações de amor e cuidado.

Lá, no dia que eu levei ele pra ser socorrido, tinha um senhor que veio do lado de fora na curiosidade de ver o que que tava acontecendo... E aí começou a conversar, e falou pra mim que o filho dele trabalhava no boteco A e perguntou onde o meu trabalhava. Respondi no Boteco A. O filho dele chegou e perguntou: “tia, quem era o filho da senhora?”, Eu falei “João”, ele “ah.... o João” e começou a chorar, se agarrou com o pai “Foi esse, pai, foi esse cara que foi um irmão, que sem me conhecer me ensinou tudo, enquanto todo mundo só me zoava, ele tava do meu lado, me deu a mão e me fez conseguir o emprego”. Sabe? Não tem coisa melhor. Quando eu olho pra trás... (Fernanda)

Segundo Owens, Lambert, Lloyd e Donovan (2008), os pais de filhos que se suicidaram podem se sentir acusados de não terem feito o suficiente para garantir a felicidade dos filhos

ou de protegê-los contra a perda da esperança. Então, podem se sentir impelidos a buscar se defender e também defender a reputação moral de seu filho. Os familiares de quem se suicida podem se sentir julgados ou envergonhados, pois, além dos remorsos, enfrentam o preconceito (Fukumitsu & Kovács, 2016). No que diz respeito ao tabu, esse pode acabar favorecendo um pacto de silêncio e a cristalização de um segredo familiar, prejudicando ou impedindo uma experiência sem amarras do processo do luto (Kreuz & Antoniassi, 2020).

Às vezes eu noto isso, eu falo “A Catharina amava Nutella” a pessoa congela, tem um certo impacto e a conversa muda. É como se ela não pudesse gostar de Nutella... Eu procuro sempre lembrar que a Catharina existiu, que ela está viva dentro de mim, que ela tem uma história muito linda, que eu não quero esquecer, nunca! E quantas vezes eu puder falar o nome dela e a história dela, eu vou falar. (Raquel)

Até por aí eu ainda poderia me segurar mais, sendo uma coisa, toda uma coisa, um professor universitário, um homem lindo, lindo! Quando eu noto que eu não falava de suicídio porque isso desabonaria todo, toda a trajetória do Davi, sabe... É como se fosse um desabono do Davi, é como se isso pudesse apagar toda a pessoa maravilhosa que eu, que ele pudesse ter sido, e para qual eu pudesse falar, para esse que ele se suicidou. (Helena)

A percepção dos pais é que falar sobre o(a) filho(a), seja da morte, seja de todos os outros aspectos, provoca estranheza nos outros. Falar de situações ou de aspectos cotidianos pode provocar desconforto, como se uma pessoa que se suicidou não pudesse compartilhar qualidades em comum em relação às outras pessoas. De acordo com Lerner e Faria (2019), quando uma morte acontece, especialmente mortes consideradas fora da hora – como é o caso de um filho por suicídio, que dilacera os pais em sofrimento –, o entorno recorda-se da existência da morte e vê a possibilidade de estar naquela situação. É notada, então, uma ambiguidade – por um lado, essas famílias atraem repulsa; mas, por outro, compaixão; há um apelo de encobrimento de sua dor pela sociedade, que, por outro lado, reconhece e valida suas formas de expressão no espaço público. Ao reconhecer o suicida como alguém semelhante, ao reconhecer essa família como parecida com a sua, a morte e o luto se tornam possibilidades reais para quem está próximo ou escuta esses enlutados.

Wainwright et al. (2020) afirmam que vários pais relatam não querer falar sobre os filhos, pois ficam preocupados com o impacto em quem está escutando. Segundo as mães enlutadas participantes do estudo realizado por Lerner e Faria (2019), as pessoas não querem ou têm medo de falar sobre o assunto e sobre aquele(a) que se foi, o que revela a maneira como o entorno encontrou para lidar com o sofrimento dessas mães, expressando incômodo, pena, impaciência e afastamento.

Quando uma pessoa se suicida, a sua identidade pode ser cristalizada ou reduzida à pessoa que consumou o ato suicida e, a partir disso, os atributos considerados negativos ou que poderiam justificar esse ato são realçados, a singularidade é deixada de lado em favor da generalização. Falar sobre outros aspectos da vida do(a) filho(a) pode gerar desconforto, pois quebra a imagem cristalizada do suicida, rompe com a ideia de que quem se suicida é muito diferente, evidenciando, portanto, o caráter originário da existência, a finitude. Para os participantes, mostrou-se importante romper com essa imagem cristalizada, poder apresentar os filhos como um todo, inclusive se orgulhar dos filhos que criaram. Pensar e falar sobre o ente querido são atividades que buscam as memórias do morto quando em vida, uma maneira de objetivar a continuidade do vínculo, considerado um legado que influencia mudanças nos enlutados (Nickman, 1996; Rangel, 2008).

Busca por sentido e transformações a partir da morte do(a) filho(a)

Perder um filho é considerado algo especialmente perturbador e desafiador para a ordem esperada dos eventos de vida: os jovens deveriam sobreviver aos velhos. Ao se deparar com a realidade que um filho pode morrer antes de um pai ou de uma mãe, há uma quebra dessa ordem esperada, o que pode suscitar questões fundamentais sobre o significado da vida (Bogensperger & Lueger-Schuster, 2014). Os participantes relataram que buscam um sentido para a morte do(a) filho(a), uma forma de dar algum entendimento para a dor que sentem; relataram também as maneiras como foram transformados pela morte do(a) filho(a) e as mudanças de vida que fizeram para suportar a dor e o sofrimento da perda, além de viver em um mundo do qual o filho não faz mais parte.

O nosso cordão foi cortado no dia que ele enterrou, terminar de cortar quando ele enterrou. Porque assim, fisicamente é cortado, quando você separa o filho da mãe, do útero né, da placenta. E no caso, quando você devolve pra terra, cortou o contato físico ali, total. Não tem mais, não tem. (Fernanda)

O sentido atribuído à perda os ajuda a lidar mais eficazmente com suas dores e medos, de modo que a busca de sentido é um fator comum no processo de luto. Quando as perdas são prematuras, súbitas ou violentas, a destruição do “mundo presumido” de um indivíduo pode ser especialmente severa e prolongada, necessitando mais ainda da elaboração de sentidos para aquela perda e para a vida que segue (Parkes, 2009). A partir dos relatos acima, percebe-se a busca por um fechamento de ciclo. Com base na perspectiva de construção de sentido, Neimeyer (2001) defende um novo paradigma para a compreensão do luto, ao afirmar que a construção de significados é um processo ativo diante da perda. Os participantes desta pesquisa recorrem a metáforas e a lembranças deles com os filhos para entender e dar significado para essa morte.

A minha concepção de amor mudou totalmente, eu não sabia o que era amor [...] Eu não voltei a ser mais quem eu era, né. Eu não sabia o que era paciência, eu não sabia o que era ficar horas olhando para uma flor, analisando ela, conversando com ela, admirando ela. Eu perdia a pressão de tudo. Eu perdi a pressa de viver. Me tornei outra pessoa. (Daniel)

Ela me tornou mais inteligente sobre alguns assuntos que eu não conhecia. Ela me tornou mais empática em lugares que eu nem percebia que não tinha empatia. Ela me tornou uma pessoa mais resiliente à dor. Muito mais. Estupidamente mais... E a morte dela me tornou uma pessoa muito mais forte. Muito mais presente. Eu sei que eu quero viver apesar da minha dor física, emocional, da minha alma ter se partido, eu já disse algumas vezes que às vezes eu pareço um quadro do Picasso. O nariz tá na testa, o olho tá aqui. Eu juntei. Eu sou uma outra versão minha. (Marília)

Segundo Andriessen, Kryszinska, Richwood e Pirkis (2020), após a perda de um filho, os pais relataram uma mudança fundamental em todos os sentidos da vida, precisando aprender quem se é agora, o que gosta, não gosta, seus limites e tolerâncias. A vivência do luto pode ser experienciada como retomada e reconstrução de uma nova identidade diante da aceitação de circunstâncias que se alteram. É a marca de uma nova identidade com pessoas e/ou situações que já não são mais como antes, o luto sendo, neste sentido, o contraponto do vínculo (Tavares, 2018). De acordo com Parkes (2009), a partir do enlutamento, enlutados podem sinalizar uma alteração da sua percepção de mundo e de si.

A descoberta de benefícios refere-se ao processo de descoberta de consequências positivas diante da adversidade, como o aumento da compaixão (Davis, Nolen-Hoeksema & Larson, 1998; Bogensperger & Lueger-Schuster, 2014). Corroborando essa visão, os participantes da pesquisa realizada por Andriessen, Kryszinska, Richwood e Pirkis (2020) também evidenciaram vários aspectos de crescimento pessoal, como aumento da força pessoal (incluindo percepção de si mesmo e descoberta de novas possibilidades), relacionamentos interpessoais (incluindo maior compaixão, altruísmo e retribuição aos outros) e uma apreciação mais forte da vida, o que também foi percebido pelos participantes de nossa pesquisa.

Eu faço um trabalho social, comecei a fazer um trabalho com outras mães, que também perderam os filhos pelo viés da suicídio, pelo whataspp. No facebook tem páginas, que você entra lá “depressão”, são páginas incentivando automutilação, suicídio. Então, a gente denunciava e conversava com os jovens... Tem me ajudado muito. (Raquel)

O grupo é importante. Ter um sentido. A morte da Sofia não foi em vão, hoje eu ajudo pessoas, falo sobre, é uma forma de continuar. De não perder um sentido. Falo com pessoas que conheço, que não conheço ... Hoje eu sei mais, por exemplo, fico mais preocupado com o meu filho, sei que ele está passando por uma situação complicada, por causa da morte da Sofia, eu fico o tempo todo com ele, ajudando, cuidando. (Luiz)

Com a perda do filho, muitos participantes buscaram dedicar parte de suas vidas a conscientizar outras pessoas sobre suicídio e luto, participar de projetos para cuidar de pessoas com sofrimentos parecidos com o que o filho passou e/ou acompanhar o processo de luto de

outros pais ou sobreviventes. Uma maneira de construção de sentido foi fruto da preocupação dos pais com o propósito de vida do(a) filho(a) (Meert et al., 2009; Bogensperger & Lueger-Schuster, 2014).

Quatro participantes decidiram trabalhar com outros sobreviventes (enlutados ou tentantes), na busca de um sentido para a morte dos filhos. Relataram que, a partir da vivência do luto, compreendem a sua experiência como uma forma de crescimento e aprendizagem. Assim, a experiência de transformação do mundo presumido envolve os processos de encontrar e dar significado através da experiência narrativa de continuidade e mudança de crenças (Luna & Moré, 2019).

E aí eu comprei uma planta e ela pediu para plantar né. Pegamos tudo e fomos plantar... Essa árvore nunca tinha dado flores, após a morte dela foi o primeiro ano que começou a florescer... Eu vi um filme, vendo o resultado do que ela plantou, tirei até uns pedaço e dei para algumas pessoas e falei para minha esposa: olha o trabalho da Vanessa. Levei para a universidade dela, dentro do projeto vida nos campos. (Marcelo)

Apesar do engajamento em novas ações, alguns enlutados escolhem não abrir mão de seu apego ao falecido e acreditam que seu ente querido continua a ter um papel na vida de suas famílias. Assim, uma maneira de lidar com a morte é manter seus parentes com um propósito de vida dentro da família após a morte deles (Begley & Quayle, 2007).

Nesta pesquisa, todos os participantes relataram mudanças e buscaram continuidade para o(a) filho(a) que morreu, seja através do apoio a projetos, da doação de órgãos ou por meio de simbolismos da natureza e da arte. Essa perspectiva corrobora os estudos de Field e Wogrin (2011), que defendem que o falecido serve como presença de fundo na orientação ao enlutado para seguir uma nova vida. Alguns participantes se dizem militantes da causa do suicídio, ou seja, elegeram esse fenômeno como um propósito de vida. Segundo Rangel (2008), não há um fim do relacionamento do pai e da mãe com filhos, mas uma reestruturação e redefinição dos modos pelos quais haverá uma interação simbólica na ausência da presença física.

Eu fui vivendo, caindo, gemendo, sofrendo, muitas vezes amparada, abraçada, acolhida. E aí consegui andar, e por isso que eu acho que eu cheguei num lugar do meu luto de conforto. É a palavra que eu uso. Eu to no luto confortável. (Marília)

Eu nunca mais fui o mesmo, não tem como, hoje eu sou melhor do que antes. Eu faço mais coisas que tem sentido, o grupo, ser militante dessa causa, sou outro. Tenho momentos felizes, consigo rir, falar sobre, mas ainda tem dia que é difícil, até respirar. (Luiz)

Os participantes relataram que a morte dos seus filhos por suicídio passa a ser o acontecimento principal de suas vidas. O suicídio é um evento que demanda a busca e a necessidade prementes de reconstruir novos sentidos para que a pessoa continue sua vida, apesar da morte trágica – e este é exatamente o ponto em que se encontra o paradoxo da existência, pois a partir do momento em que se concebe a finitude do ente amado, percebe-se também as experiências que restaram da relação com quem se suicidou (Fukumitsu & Kovács, 2016).

Considerações finais

Este estudo objetivou compreender a busca por sentido na vida após a morte do(a) filho(a). Foi evidenciado o desejo de falar sobre o filho para além da morte e de problemas anteriores por todos os participantes; muitas vezes, eles destacaram que a história do filho ficava na sombra de sua morte. Falar sobre o(a) filho(a), contar histórias que aconteceram antes da morte e expressar a sua dor foram desejos trazidos pelos pais; muitas vezes, eles relataram desconforto de outras pessoas ao ouvir. Esse desconforto é decorrente da busca de se distanciar dos temas da finitude, do suicídio e da perda, já que em muitos momentos esses assuntos são repudiados socialmente. Portanto, a busca por profissionais de saúde mental ou grupos de enlutados e sobreviventes foi um recurso utilizado para poder falar livremente. Conclui-se que falar sobre o filho, sobre a morte, sobre a dor, assim como buscar um espaço seguro, com outras pessoas que já passaram por perdas, foram estratégias importantes para o processo de luto desses participantes.

Somado a isso, com base nas histórias dos filhos, os participantes criaram novos projetos de vida, que assumiram sentidos importantes, inclusive alguns se tornaram militantes

dessa causa, ou seja, desenvolveram projetos relacionados à saúde mental, ao suicídio ou ao luto, com intenção de divulgar informações e espaços de cuidado para outros enlutados. Assim, criar ou participar de grupos de enlutados ou sobreviventes, apoiar ou desenvolver projetos sociais ligados à história de vida e/ou de morte do(a) filho(a) e continuar exercendo o seu papel de cuidar foram caminhos escolhidos pelos participantes da pesquisa. Alguns desses projetos, como o cuidado com pessoas com ideação suicida ou a criação de grupos de apoio, foram decorrentes da falta de apoio que eles sentiram durante o próprio processo de luto. Nesse sentido, constatou-se que muitos participantes se queixaram da falta de informações sobre suicídio, sobre luto e, principalmente, da falta de espaços de acolhimento para quem perde um filho por suicídio. A criação de novos projetos, relacionados aos filhos ou à dor da perda, foi uma maneira de dar um novo sentido para a vida e, também, para a vida do filho que se suicidou. Além disso, muitos dos caminhos utilizados na busca de um sentido atravessam a continuação do vínculo desses pais com os filhos, sendo uma maneira de continuar um cuidado materno/paterno com o(a) filho(a) que faleceu.

Os resultados desta pesquisa apresentam subsídios importantes para a realização de outras investigações que enfoquem cuidados com pais enlutados por suicídio. É importante considerar que o grupo de participantes dessa pesquisa foi obtido através da divulgação em grupos de apoio, sendo esse um recurso de suporte comum a quase todos os entrevistados. Ressalta-se a importância de que futuras pesquisas contemplem modos de cuidados específicos em saúde mental para auxiliar o processo de luto dessas pessoas, como atividades de psicoeducação, de pós-venção e grupos de apoio e suporte, que possibilitem um trabalho de integração da perda.

Referências

- Andriessen, K.; Krysinska, K.; Richwood, D. & Pirkis, J. (2020). "It changes your orbit": the impact of suicide and traumatic death on adolescents as experienced by adolescents and parents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(24): 9356.
- Attig, T. (2001). Relearning the world: making and finding meanings. In R. Neimeyer (Org.), *Meaning reconstruction and the experience of loss* (pp. 33-53). American Psychological Association.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Begley, M. & Quayle, E. (2007). The lived experience of adults bereaved by suicide: a phenomenological study. *Crisis*, 28(1): 26-34.

- Birtchnell, J. (1981). Some familial and clinical characteristics of female suicidal psychiatric patients. *British Journal of Psychiatry*, 138: 381-390.
- Bogensperger, J. & Lueger-Schuster, B. (2014) Losing a child: finding meaning in bereavement. *European Journal of Psychotraumatology*, 5: 1.
- Bowlby, J. (2006). *Attachment and loss* (v. 2). Basic Books. (Original publicado em 1973).
- Brice, C. W. (1991). What forever means: an empirical existential phenomenological investigation of maternal mourning. *Journal of Phenomenological Psychology*, 22(1): 16-38.
- Canetto, S. S. (1992). Gender and suicide in the elderly. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 22: 80-97.
- Casellato, G. (2002). Luto pela perda de um filho: a recuperação possível diante do pior tipo de perda. In: M. H. P. Franco (Org.), *Uma jornada sobre o luto: a morte e o luto sob diferentes olhares* (pp. 11-21). Campinas: Livro Pleno.
- Casellato, G. (2020). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. São Paulo: Summus.
- Coelho Filho, J. F. & Lima, D. M. A. (2017). Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. *Psicologia Argumento*, 35(88): 16-32.
- Davis, C. (2001). The tormented and the transformed: Understanding responses to loss and trauma. In R. Neimeyer (Org.), *Meaning reconstruction of loss* (pp. 137-155). American Psychological Association.
- Davis, C. G.; Nolen-Hoeksema, S. & Larson, J. (1998). Making sense of loss and benefiting from the experience: Two construals of meaning. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75(2): 561-574.
- Duncan, J. R. & Byard, R. W. (2018). Sudden infant and early childhood death (SIDS): the past, the present and the future. *Adelaide*, Austrália: University of Adelaide Press.
- Feigelman, W. & Cerel, J. (2020). Feelings of blameworthiness and their associations with the grieving process in suicide mourning. *Frontiers in Psychology*, 11: 610.
- Feijoo, A. M. L. C. (2021). Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. *Psicologia em Estudo*, 26: e44427. doi: 10.4025/psicoestud.v26i0.44427.
- Field, N. P. (2008). Whether to relinquish or maintain a bond with a deceased. In: M. S. Stroebe et al. (Orgs), *Handbook of bereavement research and practice: advances in theory and intervention*. Washington, EUA: American Psychological Association.
- Field, N. P. & Wogrin, C. (2011). The changing bond in therapy for unresolved loss: An attachment theory perspective. In R. Neimeyer, D. Harris, H. Winokuer & G. Thornton (Orgs.), *Grief and bereavement in contemporary society* (pp. 37-46). Routledge.
- Franco, M. H. P. (2021). *O luto no século 21*. Summus.
- Frankl, V. E. (2009). *Em busca de sentido*. Vozes.

- Franqueira, A. M. R.; Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 32(3): 487-497.
- Freitas, J. L. (2015). *Mães em luto: a dor e suas repercussões existenciais e psicanalíticas*. Curitiba: Juruá.
- Fukumitsu, K. O. & Kovács, M. J. (2016). Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. *Psico*, 47(1): 3-12.
- Harmer, B.; Lee, S.; Duong T. V. H. & Saadabadi, A. (2021). Suicidal ideation. *StatPearls*, recuperado de <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK565877/>
- Klass, D.; Silverman, P. R. & Nickman, S. L. (1996). *Continuing bonds: New understandings of grief*. Taylor & Francis.
- Kirsling, R. A. (1986). Review of suicide among elderly persons. *Psychological Reports*, 59: 359-366.
- Koukourikos, K.; Kourkouta, L.; Iliadis, C. & Tsaloglidou, A. (2019). Child suicide: familie's reactions. *Mental Health: Global Challenges Journal*, 2(2): 5-10.
- Kreuz, G. & Antoniassi, R. P. N. (2020). Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicologia em Estudo*, 25: e42427.
- Lari, L. R.; Shimo, A. K. K.; Carmona, E. V.; Moraes Lopes, M. H. B. & Campos, C. J. G. (2018). Suporte aos pais que vivenciam a perda de filho neonato: revisão de literatura. *Aquichan*, 18(1): 80-94.
- Lerner, K. & Faria, A. (2019). "Reaprender a viver": os sentidos da morte e do sofrimento entre mães que perderam filhos. *Revista M: Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 4(7): 180-200.
- Luna, I. J. & Moré, C. L. O. O. (2019). Narrativas e processo de reconstrução do significado no luto. *Revista M: Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 2(3): 152-172.
- Luz, L.; Sanchez, L. A. S.; Barral, M. & Sousa, R. (2017). *Suporte psicológico a pais enlutados por suicídio*. Quatro Estações.
- Meert, K. L.; Briller, S. H.; Schim, S. M.; Thurston, C. & Kabel, A. (2009). Examining the needs of bereaved parents in the pediatric intensive care unit: A qualitative study. *Death Studies*, 33: 712740.
- Neimeyer, R. (2001). *Meaning reconstruction and the experience of loss*. American Psychological Association.
- Neimeyer, R.; Baldwin, S. & Gilles, J. (2006). Continuing bonds and reconstructing meaning. *Death Studies*, 30(8): 715-738.
- Nickman, S. L. (1996). Concluding thoughts. In D. Klass, P. R. Silverman & S. L. Nickman (Orgs.), *Continuing bonds: New understandings of grief* (pp. 349-355). Taylor & Francis.

- Owens, C.; Lambert, H.; Lloyd, K. & Donovan, J. (2008). Tales of biographical disintegration: How parents make sense of their sons' suicides. *Sociology of health & illness*, 30(2): 237-254.
- Parkes, C. M. (1998). *Luto: ensaios sobre a perda na vida adulta* (3ª ed.). São Paulo: Summus.
- Parkes, C. M. (2009). *Amor e perdas: As raízes do luto e suas complicações*. Summus Editorial.
- Rangel, A. P. F. N. (2008). *Amor infinito: Histórias de pais que perderam seus filhos*. Vetor.
- Riches, G. & Dawson, P. (1996) Making stories and taking stories: Methodological reflections on researching grief and marital tension following the death of a child, *British Journal of Guidance & Counselling*, 24:3, 357-365, DOI: [10.1080/03069889608253020](https://doi.org/10.1080/03069889608253020)
- Ross, V.; Kølves, K.; Kunde, L. & De Leo, D. (2018). Parents' experiences of suicide-bereavement: A qualitative study at 6 and 12 months after loss. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(4): 618.
- Scavacini, K.; Cornejo, E. & Cescon, L. (2019). Grupo de apoio aos enlutados pelo suicídio: uma experiência de posvenção e suporte social. *Revista M. – Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*, 4(7): 201-214. doi: 10.9789/2525-3050.2019.v4i7.201-214.
- Silva, D. R. (2009). *E a vida continua... o processo de luto dos pais após o suicídio de um filho?* (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Stroebe, M. & Schut, H. (2001). Meaning making in the dual process model of coping with bereavement. In R. Neimeyer (Org.), *Meaning reconstruction and the experience of loss*. American Psychological Association.
- Tavares, G. R. (2018). Conectar enlutados: Do degradar ao despertar e prosseguir. In *Vida, morte e luto: Atualidades brasileiras*. Summus Editorial.
- Wainwright, V.; Cordingley, L.; Chew-Graham, C.; Kapur, N.; Shaw, J.; Smith, S.; McGale, B. & McDonnell, S. (2020). Experiences of support from primary care and perceived needs of parents bereaved by suicide: A qualitative study. *British Journal of General Practice*, 70(691): e102-e110.
- World Health Organization (2020). *Suicide*. Recuperado de <https://www.who.int/news-room/factsheets/detail/suicide>.

Recebido em 31 de janeiro de 2022

Aprovado em 24 de agosto de 2023

Paula Guimarães Guerreiro: Mestranda do Departamento de Psicologia PUC-Rio.

Andrea Seixas Magalhães: Professora Associada Departamento de Psicologia PUC-Rio, Bolsista Produtividade CNPq.

Mayla Cosmo Monteiro: Doutora em Psicologia Clínica.